

ENTRE QUE A CIÊNCIA É SUA! REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO MEMORIALÍSTICA DA CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ NO CENÁRIO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA¹

Email:
luciane@casadaciencia.ufrj.br
nadja@iq.ufrj.br
antoniojose@facc.ufrj.br

Luciane Correia Simões, Nadja Paraense dos Santos, Antonio José Barbosa de Oliveira

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns referenciais teóricos que norteiam a pesquisa em andamento sobre os aspectos históricos da instituição Casa da Ciência a partir do campo da Memória Social. A pesquisa é amparada pela análise da produção documental da instituição e tem como objetivo principal refletir sobre sua produção memorialística, ressaltando que esta tem uma contribuição inovadora para a divulgação científica no Brasil.

Palavra-chave: Memória Social – História da Ciência – Instituição – Divulgação Científica

ABSTRACT

This article presents some theoretical references that guide the ongoing research about the historical aspects of the House of Science, from the field of Social Memory. The research is supported by the analysis of the documentary production of the institution and its main objective is to reflect on its memorialistic production, emphasizing that it has an innovative contribution to the science popularization.

Keywords: Social Memory – History of Science – Institution – Science Popularization

INTRODUÇÃO

A Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é um lugar com muitas narrativas a serem contadas: uma construção antiga, com varandas e jardins que foi inaugurada em 1995. Criada com o objetivo de experimentar ações inovadoras no campo da divulgação científica², através de exposições interativas e imersivas, oficinas, mostras de vídeo, ciclo de debates, palestras, seminários, espetáculos de teatro e música, atividades fora da instituição como turismo científico etc., a Casa atrai um público diverso com diferentes níveis de escolarização.

Em 2016, comemorou 21 anos de existência, atingiu sua maioridade! Muitas histórias foram vividas ao longo desse processo de construção, consolidando essa instituição como um espaço de popularização/divulgação da ciência no Brasil. Como construção coletiva, de ensaios, erros e acertos, várias experiências e vivências fizeram a diferença para que fosse ganhando credibilidade e assumindo uma identidade institucional dentro da UFRJ e no âmbito

¹ Projeto aprovado em exame de qualificação no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – HCTE/UFRJ

² Na pesquisa, utilizamos como equivalentes os conceitos de divulgação e popularização da ciência. No entanto, existem muitas discussões sobre o significado dessas expressões e de outras similares. Cf. Moreira (2006).

da divulgação científica nacional. Tudo isso gera registros e materialidades que precisam de um cuidado especial para que não desapareçam, daí nasce o Projeto Memória³. Tal projeto abrange desde a organização dos arquivos documentais – incluindo levantamento e organização de fotos, documentos administrativos (ofícios e memorandos), projetos e relatórios, *clippings*, distribuídos em álbuns, pastas e arquivos, impressos e digitais, mas de forma dispersa –, até a coleta de depoimentos das pessoas que fizeram parte do processo de construção da instituição⁴.

A pesquisa em andamento tem como objetivo geral refletir sobre a produção memorialística da Casa da Ciência, ressaltando que esta tem uma contribuição inovadora para a divulgação científica no Brasil. E tem como objetivos específicos: - Definir os conceitos que permeiam a produção memorialística: instituição, memória, inovação e divulgação científica; - Analisar o contexto institucional e a materialidade discursiva expressa em documentos que permitiram a criação e o desenvolvimento da Casa da Ciência; - Contribuir para o fortalecimento da identidade institucional.

A pesquisa é composta por duas etapas metodológicas: embasamento teórico seguido de análise documental. Nas reflexões teóricas, discutimos os conceitos que estão sendo utilizados para a instrumentalização dos dados: Memória coletiva/social (HALBWACHS, 2004 e POLLAK, 1992); História e memória (LE GOFF, 2006, RICOEUR, 2007 e NORA, 1993); Discurso e análise do discurso (PECHEUX, 2015; ORLANDI, 2007; FOUCAULT, 2007 e BRANDÃO, 2004); Linguagem e teoria dos enunciados (BAKHTIN, 2009); Instituições e suas práticas (BOURDIEU, 1989; DOUGLAS, 2007); Ciência, divulgação científica e inovação (MORIN, 2014; CHALMERS, 1993; SNOW, 1995, MOREIRA, 2006 e MASSARANI, 2004) e a problemática do arquivo (ROUSSO, 1996, ASSMAN, 2001 e TAYLOR, 2013).

Na pesquisa documental, buscaremos levantar, processar e analisar os documentos e dados relativos à criação da instituição e sua participação no campo da divulgação científica brasileira.

Como fontes de consulta, são considerados artigos, livros, teses⁵, relatórios, vídeos, clippings e documentos administrativos. Esse material pode ser encontrado e pesquisado, principalmente, nos arquivos da própria instituição, que vêm sendo organizados pela Divisão de Gestão Documental e da Informação/DGDI/UFRJ.

O OBJETO

A Casa da Ciência foi criada, em 1995, como Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, pelo Conselho Universitário no âmbito do Fórum de Ciência e Cultura/FCC da UFRJ, e, entre seus objetivos e metas institucionais, estão:

- Dar a todos o acesso a essa componente essencial da cultura moderna, que é o conhecimento científico físico e técnico através de um empreendimento

³ O Projeto Memória é coordenado pela direção geral da Casa da Ciência.

⁴ Trabalho apresentado em forma de comunicação oral no Congresso Scientiarum Historia VIII “(In)certezas e (in)completudes nas Ciências, nas Artes e nas Humanidades”, sob o título: *A produção memorialística da Casa da Ciência da UFRJ: reflexões sobre a organização do arquivo*.

⁵ Há poucas publicações sobre a Casa da Ciência, utilizaremos também textos que versam sobre divulgação científica em outros centros e museus de ciência.

orientado para facilitar a compreensão dos fenômenos naturais e fornecer um campo adequado a experimentação e a descoberta.

- Transmitir a convicção que natureza e gente podem ser ambos compreensíveis e plenos de novas e mágicas descobertas. Desta forma, são possíveis oportunidades práticas para a aprendizagem, que são difíceis, se não impossíveis, de se conseguir através de aulas na escola, livros ou programas de televisão ou modernos softwares.

- Ser um centro permanente de educação científica e tecnológica.

- Promover projetos especiais e exposições relativas à ciência e tecnologia, principalmente nos temas em desenvolvimento realizados pelos diversos centros de pesquisa da UFRJ.

- Oferecer condições para a realização de debates, discussões e encontros em assuntos referentes à ciência e tecnologia, seu estágio de evolução e sua interação com a sociedade.

- Criar condições adequadas para a realização de atividades diversas de interação entre a universidade e a sociedade, através de intercâmbios com outras entidades de ensino, órgãos governamentais, entidades profissionais, sindicatos, associações civis, e outras instituições⁶.

Durante as discussões do Plano de Desenvolvimento Institucional/PDI, os objetivos e as metas institucionais foram revistos, ampliados e se transformaram na missão institucional:

Promover a divulgação e a popularização da ciência e da tecnologia, destacando suas interfaces com a cultura e a arte, de forma interdisciplinar e participativa, favorecendo a pesquisa e a experimentação, em diferentes linguagens e suportes, de modo a contribuir para a democratização do acesso e apropriação social da ciência e da tecnologia e as interações entre público e instituições científicas e culturais⁷.

Para cumprir tal missão, desenvolve exposições multimídias e cenográficas, oficinas, espetáculos de teatro e música, ciclo de debates e mostras de vídeos voltados para a divulgação de conteúdos científicos e culturais.

A edificação, localizada na Rua Lauro Müller, 03, no *Campus* da UFRJ, na Praia Vermelha, abriga o primeiro centro cultural de ciência e tecnologia da UFRJ. Esse espaço sofreu transformações sociais⁸ ao longo do tempo, desempenhando diferentes funções. Foi construído para ser “pavilhão”, virou um “casarão” e, hoje, é uma “casa”. O Pavilhão Alaor Prata/PAP foi construído por volta de 1926 para ser uma enfermaria auxiliar ao Hospício Pedro II – Hospital dos Alienados, para tratar pacientes tuberculosos. O manicômio da Praia Vermelha foi desativado em 1944 e surgiu a primeira possibilidade de demolição do complexo:

Extinto o hospício, surgiu o problema do aproveitamento do edifício, que poderia ser demolido, para em seu lugar serem construídos modernos prédios, ou restaurado, tendo-se em vista o que valia e representava para cultura nacional. Prevaleceu este sentimento (CALMON, 2002, p. 89).

⁶ Processo de criação da Casa da Ciência – n. 23029.032101/94–21, 30 de setembro de 1994.

⁷ Missão publicada na proposta de PDI submetido ao Conselho Diretor do Fórum de Ciência e Cultura, sessão ordinária de 06/12/2016. Disponível como Anexo B da tese.

⁸ Trabalho apresentado por Luciane Correia Simões e Mônica Cristina de Moraes, no 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Disponível em: <http://www.15snhct.sbhc.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1981>. Acesso em: 11 jan. 2017.

Várias negociações foram realizadas⁹ a fim de preservar o palácio e algumas das construções antigas e todo esse complexo foi incorporado à Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse “novo *campus*” nos interessa a preservação do PAP, cuja nova função social está relacionada diretamente à Escola Nacional de Educação Física e Desporto/ENEFD.

A criação da ENEFD se deu em 17 de abril de 1939, pelo Decreto nº 1212¹⁰. E, durante alguns anos, a nova faculdade funcionou em espaços cedidos temporariamente, só ganhando sede definitiva, em 1949, quando iniciou seu processo de instalação no *Campus* na Praia Vermelha. Segundo depoimento da professora Margarida Thereza Nunes da Cunha Menezes, que vivenciou esses momentos iniciais da escola – primeiro, como aluna, depois, como professora –, o pavilhão era chamado, carinhosamente, por Casarão e servia de apoio para atividades da Escola de Educação Física – com aulas de dança moderna e oficinas educativas.

Diante da nova conjuntura trazida pela década de 1990 para as Universidades brasileiras, deu-se a ressignificação desse espaço, institucionalizando-o como Centro Cultural de Ciência e Tecnologia. Além da degradação física do espaço, por falta de manutenção, embates políticos nas instâncias universitárias nos levam a crer que não houve consenso entre as unidades acadêmicas da UFRJ sobre a nova função do Casarão. Reformada pelas articulações políticas do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia/COPPE, em 1995, a casa (a edificação) inspirou a identidade visual da instituição e, acima de tudo, estabeleceu sua relação com o público visitante, cuja principal ideia é a associação da ciência com o cotidiano das pessoas; criou-se, assim, um lugar para que o visitante se sentisse “em casa”. Nesse plano discursivo, a palavra casa deixa de ser um substantivo comum, passa a ser um fragmento discursivo que, na visão de Bakhtin, encerra em si uma perspectiva ideológica, criando um referencial de representação que é uma marca constitutiva da identidade institucional. Assim, por esse deslizamento de sentidos, a casa passa a ser a Casa, promovendo uma aproximação, uma quebra de barreiras e uma humanização da ciência junto à população.

A Casa da Ciência da UFRJ é um centro cultural de divulgação científica que busca na experimentação despertar a curiosidade através das relações entre ciência, arte e cultura. Utiliza diferentes linguagens, de forma lúdica e interativa, para refletir sobre os conceitos da ciência, proporcionando a popularização de tais conceitos. Muita criatividade orienta as ações inovadoras da Casa determinando sua identidade como um museu de ciência dentro da perspectiva contemporânea.

Entendemos centro cultural como um lugar onde “o cidadão entra em contato com diversas manifestações artísticas e pode desenvolver um olhar mais crítico sobre a cultura e outros aspectos de seu cotidiano.”¹¹ Assim, a criação de um espaço cultural para a realização de eventos que associem ciência, tecnologia e arte estimula o pensar crítico diante da influência das descobertas científicas no cotidiano das pessoas. O desafio é promover uma participação mais ativa da sociedade na dinâmica das transformações científicas, a fim de estabelecer uma conexão entre o público e a ciência.

⁹ A problemática de incorporação do espaço à Universidade do Brasil será discutida na tese e amparada em Oliveira (2011).

¹⁰ Decreto número 1212. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1212-17-abril-1939-349332-norma-pe.html>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

¹¹ Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/centros-culturais>> Acesso em 03 mai. 2017.

O conceito de museu que norteia nosso trabalho é dado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM): “os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas”. As ações desenvolvidas na Casa buscam dar esse tom criando ambientes cenográficos e multimídias para que o visitante interaja e experimente sensações que nem sempre são permitidas por objetos originais: tocar, manipular, provar sabores e cheiros que provocam imersão por meio de suportes interativos.

A nova museologia preconizada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), dentro da Política Nacional de Museus (PNM) entende os centros de ciência e cultura como espaços museais em que a experiência a ser vivida pelo público visitante é mais determinante que existência ou não de acervos:

O Brasil faz parte do Conselho Internacional de Museus desde sua criação, participando da construção de definições e metas específicas a serem alcançadas. A partir da definição básica de museu como instituição permanente, que adquire, conserva, pesquisa, transmite e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, diversos adendos foram realizados, ampliando a diversidade do que se compreendia por museu, assim como seus vínculos e responsabilidades em relação à sociedade. Atualmente podem ser consideradas instituições museais não só monumentos, jardins botânicos e zoológicos, aquários, galerias, centros científicos, planetários, reservas naturais, como também centros culturais, práticas culturais capazes de preservar legados intangíveis e atividades criativas do mundo digital (PNM, 2003-2010, p. 133).¹²

De acordo com a PNM, os museus estão “a serviço da sociedade” e são instituições importantes para o aprimoramento da democracia e da inclusão social, contribuindo para o desenvolvimento social. Segundo o ICOM, o museu:

é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013, p. 64).¹³

Assim, a Casa se aproxima de um “museu de ciência” no que concerne ao lugar que expõe acervos em exposições, ainda que de forma temporária, colocados a serviço da sociedade. E, se apresenta como um centro cultural discutindo as interações entre arte e ciência numa constante experimentação das diferentes áreas de conhecimento através de práticas comunicacionais imersivas no campo da popularização da ciência.

A intenção é transformar a relação de desinteresse pela ciência, proveniente da abordagem conteudista – que valoriza a repetição em detrimento da curiosidade – em algo atrativo e prazeroso. Portanto, as experiências vividas pelo público no espaço expositivo não se dão, exclusivamente, através do contato com objetos expostos; se dão também através das sensações compartilhadas em cada visita. Por essas razões, a Casa da Ciência, assim como

¹² IBRAM. Política Nacional de Museus/PNM. Relatório de Gestão 2003-2010, p. 133. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Relatorio-de-Gestao-2010.pdf>>. Acesso 01 mar. 2017.

¹³ DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus/Pinacoteca do Estado de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura, 2013. p. 64. Disponível em <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos_ChavedeMuseologia_pt.pdf>. Acesso 01 mar. 2017.

outros centros de ciência do país integram o Cadastro Brasileiro de Museus do IBRAM na categoria Museus de Ciência e Tecnologia.

AS IMBRICAÇÕES DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

O que nos move para discorrer sobre a historicidade da instituição Casa da Ciência é a memória. Esta evocação da memória está vinculada ao tempo presente, mas também é uma aposta no futuro. Ao vivenciar as discussões e ações para o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), nos vemos diante de uma boa oportunidade para refletir sobre o processo histórico e sobre as identidades que a Casa foi construindo ao longo do tempo. Essas reflexões são salutares para que as identidades institucionais sejam repensadas, a fim de elaborar e definir perspectivas futuras na construção de novos rumos.

Diante de uma extensa bibliografia, escolhemos algumas proposições de autores para refletir sobre a memória e suas funções. Gondar e Dodebei (2005) embasam nossas reflexões sobre a memória com as seguintes afirmações:

– O campo é interdisciplinar em que diferentes saberes se juntam numa perspectiva de atravessamento que pretende produção de novos sentidos;

– O conceito é ético e político já que a evocação memorialística é feita no presente, com intenções num determinado futuro e não olha para o passado de forma neutra;

– O campo da memória é processual; o que nos leva a reconstruir o passado a partir das “questões que formulamos (...) questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 18).

Inspirados por Ricoeur (2007, p. 407) vislumbramos “no horizonte (...) o desejo de uma memória integral”, que reúna a memória individual, a memória coletiva e a memória histórica. Sabemos que este é um objetivo impossível, entretanto buscaremos refletir nesta tese sobre a eficiência do discurso e sobre o poder da perspectiva discursiva institucional encobrindo os silenciamentos e apagamentos no intuito de promover uma memória integral.

O primeiro ponto de vista a ser discutido é aquele que se refere à dimensão social ou histórica do conceito de memória. O conceito adotado está alinhado à perspectiva de Maurice Halbwachs, a partir da obra *Memória Coletiva* (2004). Esta é uma corrente teórica interpretativa da memória na sua dimensão social e coletiva; a memória é entendida enquanto fenômeno coletivo; sua produção está condicionada a variáveis sociais. Embora sejam os indivíduos que se lembram, estas lembranças são socialmente condicionadas pelos quadros sociais de memória (são sistemas de valores que unificam o grupo) ou, ao menos, sofrem importantes interferências da dimensão social, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Para historicizar esta instituição não podemos perder de vista que a Casa da Ciência abarca olhares e sensações daqueles que já passaram pela instituição, nenhuma pessoa esteve ou estará só; as lembranças “de todo mundo” (2004, p. 49) são consideradas na construção narrativa dos acontecimentos, dos projetos, das exposições, das atividades. Esta memória não é espontânea, nem individual, ou seja, precisa ser reavivada e coletivizada; assim podem coexistir várias memórias.

Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir da vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. A lembrança “é uma imagem engajada em outras imagens” (2004, 76-78). É no contexto que construímos nossas lembranças, mesmo que aparentemente

individualizadas; a memória é uma construção social “porque, em realidade, nunca estamos só [...] temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. (2004, 16).

Além de Halbwachs, damos importância às abordagens feitas por Michael Pollak, particularmente nas aproximações entre os conceitos de *Memória e identidade social* (1992), que são conceitos intrinsecamente ligados. Nesta linha de pensamento, articulamos os elementos constitutivos da memória: os acontecimentos, as pessoas e os lugares.

Para este autor em primeiro lugar estão os acontecimentos vividos pessoalmente e em segundo lugar os “vividos por tabela”, o mesmo acontece com as pessoas; primeiro estão os personagens que encontramos no decorrer da vida e depois os personagens não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa; e por fim há os lugares de memória que podem estar ligados a lembrança ou ao tempo cronológico. O que fica claro é que esses três critérios “podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos.” (POLLAK, 1992, p. 202)

Os **acontecimentos** em torno da trajetória da Casa da Ciência fazem parte de nossa vivência profissional assim, não conseguimos distinguir se de fato vivemos todos os acontecimentos na íntegra, ou se os vivemos “por tabela”. Há episódios que mesmo não fazendo parte dele, sentimos parte pela coletividade; inseridos no grupo possuímos uma memória herdada. As **pessoas** pertencentes ao processo de construção da instituição fazem parte de um grupo que mesmo não atuando mais no circuito da divulgação científica, tornam-se contemporâneos aos que chegam para compor a instituição. Há também os mediadores e os visitantes que de certa forma também compõem o “fazer” da instituição. Além dos acontecimentos e das pessoas, os **lugares** têm bastante relevância nas lembranças individuais que podem ter repercussão, provocando ecos nas lembranças coletivas. A Casa, ou seja, a edificação é o lugar que confere nossa identidade institucional. Há também lugares de apoio e comemoração, nos quais vivemos momentos importantes para nossa construção identitária, como, por exemplo, as participações em eventos como a Feira de Ciência e Tecnologia/FECITEC, os encontros anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC ou ainda no apoio para a elaboração de encontros de centros e museus de ciência como o Seminário Internacional de Implantação de Centros e Museus de Ciência¹⁴, o IV Congresso Mundial de Centros de Ciência (*4th Science Centre World Congress – 4SCWC*)¹⁵ e os encontros bienais da ABCMC. Esses eventos de comemoração acabam por “desprivatizar a memória” (MENESES *apud* SILVA, 1999, p. 17) e estas passam a integrar as memórias de um grupo maior, no nosso caso, o grupo que compõem o campo da divulgação científica brasileira.

A memória institucional tende a ser organizada e acaba por se constituir em objeto de disputa, temos um grande desafio de identificar dentro das materialidades discursivas os acontecimentos, as pessoas e os lugares que se tornaram importantes na construção da identidade institucional. Nosso arquivo está em fase de organização, e após essa fase poderemos constatar diferentes apagamentos e silenciamentos. Segundo Rousso (1996) o arquivo revela sempre uma falta e “a tarefa do historiador consiste tanto em tentar supri-la, (...) quanto em tentar exprimi-la

¹⁴Realizado entre os dias 1 e 6 de agosto de 1999 na cidade do Rio de Janeiro. Textos disponíveis em: <<http://www.casadaciencia.ufrrj.br/Publicacoes/Artigos/Seminario/Index.htm>>. Acesso em 16 abr. 2017.

¹⁵ Este evento foi sediado pela Fundação Oswaldo Cruz e aconteceu de 10 a 14 de abril de 2005, paralelamente aconteceu a EXPO-Interativa: Ciência para Todos nas dependências do RioCentro.

de maneira inteligível”, promovendo assim um olhar com uma constante análise recontextualizada dos documentos.

Parte desta pesquisa é testemunhal, pois na maior parte das vezes “eu estava lá. O imperfeito gramatical marca o tempo, ao passo que o advérbio marca o espaço” (RICOEUR, 2007, p. 156). E assim esta narrativa vai misturando testemunho e rastros para compor a historiografia institucional. Ricoeur traça ainda uma diferença entre rememoração (processo de elaboração individual) e comemoração (construção de uma memória coletiva); comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento. Assim, as exposições ganham o *status* de “acontecimento” (POLLAK, 1992) - ou seja, as exposições são elementos constitutivos de uma memória - e são os nossos objetos de narrativa, escolhidos para constituir o aspecto inovador desta instituição no campo da divulgação científica brasileira. A ideia aqui é trabalhar o aspecto histórico das “maneiras de sentir e de pensar” (RICOEUR, 2007, p. 202) no fazer expositivo que reflete as práticas coletivas deste grupo social.

Portanto, se fazer história instrumentalizando redes de memória pode trazer embutido na sua estrutura uma pretensão de “representar o passado com fidelidade” (RICOEUR, 2007, p. 241), cuja cadeia conceitual está pautada na presença, ausência e representação. A fidelidade ao passado, não é um dado, mas um voto. Como todo voto, este também pode ser frustrado, e até mesmo traído (*Ibid*, p. 502), assim na tessitura desta narrativa está presente um olhar atento e participativo para a análise dos dados.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A pesquisa está em fase de análise dos dados, uma planilha está sendo construída com todas as exposições realizadas no espaço da Casa da Ciência desde a sua inauguração. O que já constatamos é que o site oficial da instituição não contempla a totalidade de exposições realizadas. Os arquivos organizados pelo DGDI já estão sendo consultados para completar de forma mais contundente esta planilha. A partir daí serão elencadas 5 exposições para categorizarmos os elementos que nos levarão a comprovar nossa hipótese.

Abordamos os dados de forma quali-quantitativa; no aspecto quantitativo, traduziremos em números as exposições e as atividades em torno da exposição como partes da produção discursiva da instituição; a ideia é traçar um perfil da instituição, através de categorias que elegeremos para nossa análise, os registros documentais das exposições, ou seja, os seus relatórios. No aspecto qualitativo, tentaremos um diálogo entre o mundo objetivo (os números levantados) e as subjetividades promovidas pelo discurso institucional, que se colocará à medida que criaremos níveis de análise da produção documental enquanto materialidade discursiva.

Ao categorizar algo, transformamos uma objetividade em determinada forma de subjetividade condicionada pelas categorias que elegemos (BECKER, 2007). Estas são, de certa forma, uma escala de valoração, uma forma de hierarquização, de organização, de separação a partir de determinadas óticas estabelecidas. Por exemplo: dentro do número de exposições realizadas quantas são das ciências naturais e quantas são das ciências sociais? Como essa dicotomia das ciências se reflete na produção das atividades voltadas à divulgação científica?

Será que em pleno século XXI ainda somos influenciados pela “boa ciência” de Francis Bacon¹⁶?

Estas e outras perguntas ainda estão sendo em processo de análise, não temos a pretensão de responder a todas porque entendemos que há determinadas questões sobre a instituição que não serão encontradas em relatórios, na medida em que os documentos institucionais, pelos próprios critérios de produção, organização e seletividade, promovem uma série de silenciamentos e apagamentos.

REFERÊNCIAS

ASSMAN, Aleida. *Espaços da recordação*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRANDÃO, Helana H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.

BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOUDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CALMON, Pedro. *O palácio da Praia Vermelha. 1852-1952*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

CHALMERS, A. F. *O que é ciência, afinal?* Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1997.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus/ Pinacoteca do Estado de São Paulo/ Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam*. São Paulo: Edusp, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. (Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970). São Paulo: Loyola, 2007.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBEWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

¹⁶ Em meados do século XVII, pensava a ciência como um instrumento para melhorar a vida da humanidade, capaz de garantir as condições necessárias para o bem-estar dos indivíduos. Para o autor, “boa ciência” é o resultado criterioso de observações, baseadas no uso normal dos sentidos, onde não é permitido nenhum elemento pessoal e subjetivo. “A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente”. In: CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal?* Trad. Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 24.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Lenadro (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. (p. 67-90).

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2006

MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (Orgs.). *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2005.

MORIN, Edgard. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MOREIRA, Ildeu de Castro. *A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil*. *Inclusão social*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-16, abr. / set., 2006.

MORESI, Eduardo. *Metodologia da pesquisa*. Brasília: UCB, 2003.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto história*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez, 1993.

OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de. *A casa de Minerva: entre a ilha e o palácio: os discursos sobre os lugares como metáfora da identidade institucional*. 2011. 353f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

_____. (Org.). *Universidade e lugares de memória*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.

_____ & QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros (Org.). *Universidade e lugares de memória II*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.

OLIVEIRA, Carmem Irene Correia de. *UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO: discurso, memória e identidade: gênese e afirmação*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, Carmem Irene C.; ORRICO, Evelyn G. Dill. *Memória e discurso: um diálogo promissor*. In: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: ContraCapa, 2005.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *As formas do silêncio*. No movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso, estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes Editora, 2015.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. (p. 200-212).

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOEUR, Paul. *Memória, história e esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Revista Estudos Históricos*. Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea. Rio de Janeiro, nº 17, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. As memórias da memória social. In: _____. (Org.). *Memória, imaginário e representações sociais*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

SOUZA, Adriana Vicente da Silva. *A ciência mora aqui: reflexões acerca dos museus e centros de ciência interativos do Brasil*. 2008. XI, 161 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

SNOW, C. P. *As duas culturas e uma segunda leitura*. São Paulo: EdUsp, 1995.

THIESEN, Icléia. *Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

Sites

15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia <http://www.15snhct.sbhc.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1981>. Acesso em: 11 jan. 2017.

BLOG O PODER DAS PALAVRAS.

Disponível em: <<http://thiagopoderdaspalavras.blogspot.com.br/2009/05/resenha-sobre-o-filme-narradores-de.html>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS.

Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-1212-17-abril-1939-349332-norma-pe.html>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

IBRAM. Política Nacional de Museus/PNM.

<<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Relatorio-de-Gestao-2010.pdf>>.

Acesso 01 mar. 2017.

MINERVA.

<<http://minerva.ufjf.br/F/42S11UP9CKGG9QPA3TSB4BDI72LD4VSD93V68ACLIUXFRHRLCI03286?func=shortrank&action=RANK&W01=Luciane&W02=Correia&W03=Sim%C3%B5es>> Acesso em: 05 mai. 2017.

MINISTÉRIO DA CULTURA. <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/centros-culturais>>

Acesso em 03 mai. 2017.